

Resenha da Final do Estadual Absoluto de Xadrez 2005 (Parte I)

Teve início sábado último (22/10) a grande final do estadual absoluto de xadrez.

Presentes mais uma vez os três tricampeões, Rogério Zanon, Jorge Wilson e Jorge Bittencourt, além do bicampeão Namyr Carlos e outras feras emergentes, prontas para fatiar a robusta premiação angariada pela federação – mais de mil reais – e os gordos *ratings* em exposição, já que o torneio será reconhecido pela FIDE.

Rolados os dados, mais uma vez quem dominou o cenário foi o trio-de-ferro – além de Mário Cantarino –, seguidos de perto pela tropa de choque na casa dos dois mil pontos de *rating*. Mas as coisas não foram tão simples quanto pode parecer...

Já na primeira rodada, a grande surpresa do torneio, pelo menos até o momento. Com um jogo agressivo já característico, o Dr. Tarcísio Lahud, o "Tarcisião", não se acanhou diante do atual campeão Jorge Bittencourt, há mais de dois anos invicto no Estado, e partiu como um míssil *Tomahawk* para dentro de sua sólida defesa.

Perdido na posição – segundo muitos, exceto ele próprio –, Bittencourt teve que, citando uma das máximas do amigo Osmar Schmidt – e com o perdão dos mais sensíveis –, “cagar sangue” para reverter a situação e vencer a partida. A ponto de, efetuado o lance vencedor, encarar fixamente, e por longo tempo, o semblante bonachão de seu adversário, que o ignorou. Se o Roberto Jefferson tivesse presenciado a cena, teria dito que o Tarcisião provocou os instintos mais primitivos do tricampeão.

Ainda na primeira rodada, o guerreiro Walter Knoblauch conseguiu vantagem decisiva contra Rogério Zanon, após ter armado um torniquete com suas torres, com o qual asfixiou a ala da dama do tricampeão até esvaziá-la por completo, não sem antes criar um peão livre na primeira coluna, o famoso "boi-de-piranha", com o qual deixaria o adversário ocupado para migrar com seu cavalo à ala do rei e dinamitá-la por inteiro.

Premido pelo tempo, porém, Knoblauch não encontrou a melhor seqüência de lances e acabou em desvantagem diante de Zanon, que, com a sobriedade costumeira, dominou seu adversário e venceu a partida.

A propósito, cada vez mais me convenço de que é esta firmeza nos finais de partida que diferenciam um campeão dos demais pretendentes ao título. Senão, vejam o exemplo do Milton Cobo, a meu ver um dos jogadores mais fortes do Estado e prestes a ser reconhecido como tal pela FIDE.

Após jogar, já pela segunda rodada, contra o próprio Zanon, ele analisava com seu adversário várias possibilidades dentro da partida, que acabara de perder. Em todas elas, conduzia-se a mesma a um final de empate. Todas menos uma, é claro. Pois não fora justamente esta a que havia sido jogada?

É mais ou menos como no futebol italiano – não precisa acompanhar para entender o que eu vou dizer –, em que, entra ano, sai ano, o Milan é o time que joga mais bonito, a Inter é o time que joga segundo a tradição dos italianos e a Juventus ... bem, a Juventus é o time que vence.

Aqui no Estado, o Zanon é o cara que vence.

Ou, pelo menos, venceria, não fosse ter de encarar, logo na terceira rodada, o seu maior rival nos últimos anos, Jorge Bittencourt. A briga foi tremenda e, enquanto o Jorge Wilson me amassava no segundo tabuleiro, Zanon chegou a um final melhor, jogando de brancas. Pelo menos assim disse o Chessmaster, quando montei a posição e pedi que ele a avaliasse. O barbudinho deu uma vantagem de 0.42+/- na posição crítica, fazendo, na seqüência, o lance proposto pelo amigo Francisco Costa, **f5**. De fato, Francisco, um lance "saradão"!

Entretanto, Zanon optou por acionar seu cavalo, que praticamente não jogava, e Bittencourt aproveitou este momento para forçar a troca de uma de suas torres passivas por uma das torres ativas de seu oponente, aliviando a pressão sofrida.

Em seguida, obtive vantagem de um peão e se manteve na frente até que Zanon, apurado no tempo, cometeu um erro grave, levando seu cavalo a **d6**, no trigésimo terceiro lance. Neste momento, Bittencourt arregalou os olhos, como que não enxergando uma razão lógica para o lance que via diante de si. Zanon, sem sair de sua fleugma britânica, tampouco se intimidou e argüiu seu adversário: "O que foi? Ficou assustado?". E há ainda quem diga que o xadrez é um esporte só para o intelecto.

Não fiquei para ver o resto da partida, já com os urubus bicando a carniça do tricampeão que tombava. Mas vi quando o Zanon, com o cavalheirismo que lhe é peculiar, estendeu a mão e cumprimentou o vencedor. No final, ficou tudo bem entre os dois e todos saímos dali com a certeza de termos assistido a um combate de titãs, possivelmente uma decisão antecipada do título. A não ser que o Jorge Wilson me desminta no sábado que vem...

Não posso, contudo, encerrar sem destacar o desempenho da galera do Taça de Ouro, com Edivaldo Sá em grande forma, apesar de ter conquistado apenas um dos três pontos que disputou, e Francisco Costa proporcionando contra Fabrício Hupp, àquela altura invicto em 2005, na segunda rodada, uma das partidas mais violentas que já presenciei.

Em meio a um vendaval de peças penduradas e ameaças de mate de ambas as partes, Hupp capitulou ante um golpe tático magistralmente urdido por Francisco – fazendo jus aos 2.852 pontos de *rating* que ele sonha algum dia ter – e, enfim, ouviu o canto da grosoba em 2005.

Para completar, tive a enorme satisfação de liderar isoladamente o torneio por quase uma rodada inteira. Tudo bem, foi um ponto ganho sem nenhum esforço, vão dizer meus críticos. Não obstante, foi muito gostoso saborear tranqüilamente um cafezinho, enquanto a massa queimava a mufa no salão...

*